

Noticias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

BONS IMPRESSOS
E CARIMBOS
NA —
TIPOGRAFIA SOCORRO
FÁBRICA DE CARIMBOS
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO
Telefone 59 Apartado 3
AVENÇA

EDITOR E PROPRIETÁRIO — Armando Rocha Cruz

DIRECTOR — JOÃO ADELINO DIAS PENA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA PINHEIRO CHAGAS, 21 — TELEFONE 59
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANO IV — N.º 184 — Domingo, 16 de Dezembro de 1956

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA SOCORRO
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

A COMUNIDADE LUSO BRASILEIRA

E O NOVO EMBAIXADOR DO BRASIL

A UNIDADE política da Nação Portuguesa e o seu papel no Mundo, reforçada nas últimas décadas pela exemplaridade da sua política de ordem e de fidelidade aos princípios que lhe valeu o maior respeito internacional, pode ser e está sendo consideravelmente reforçada por um acordo cada vez mais íntimo com o Brasil.

E' inegável que a situação hoje existente entre os dois países não tem similar nas relações entre outros povos.

Deve notar-se, em primeiro lugar, que antes de existirem tratados a definirem a política luso-brasileira já a opinião pública dos dois países se compenetrava, em todas as emergências, exigindo a mais perfeita solidariedade.

Foi durante a última guerra, quando se desenhavam perigos e ameaças que podiam atingir o nosso Ultramar, que o Governo brasileiro, seguindo a opinião quase unânime da Imprensa, declarou que o Brasil consideraria qualquer ataque a território português como se fosse feito a território daquela Nação. E mais recentemente, quando a União Indiana anunciou a sua política imperialista contra o território portu-

guês de Goa, atacando a mão armada, pelo processo russo dos voluntários, territórios portugueses da Índia, sentiu-se no nosso País o mais comovido orgulho pelo espontâneo e entusiástico apoio que nos veio do Brasil: o Governo, o povo brasileiro e toda a Imprensa, mesmo os jornais menos afectos ao nosso País, verberaram, com indignação os propósitos e os manejos anexionistas do sr. Nehru e declararam a firme disposição de nos acompanharem na resistência, por todos os

(CONCLUÍ NA 3.ª PAGINA)

CARTA A UM JORNALISTA IMPARCIAL

Por N. RODRIGUES PENA

MEU amigo, perfeitamente, estamos de acordo. Também eu continuo a apelar para o espírito crítico, também eu, na minha modestia de homem que se não considera um timoneiro da opinião pública — também eu, como todos os que seriamente buscam a verdade nos acontecimentos do mundo e nos actos dos Homens, insisto nesse apelo ao exercício crítico, para que cada um de nós se não esqueça de que somos igualmente seres racionais, já que estamos todos em condi-

O CENTENÁRIO DA ASSOCIAÇÃO PROTECTORA DOS ARTISTAS DE FARO

DOS ARTISTAS DE FARO

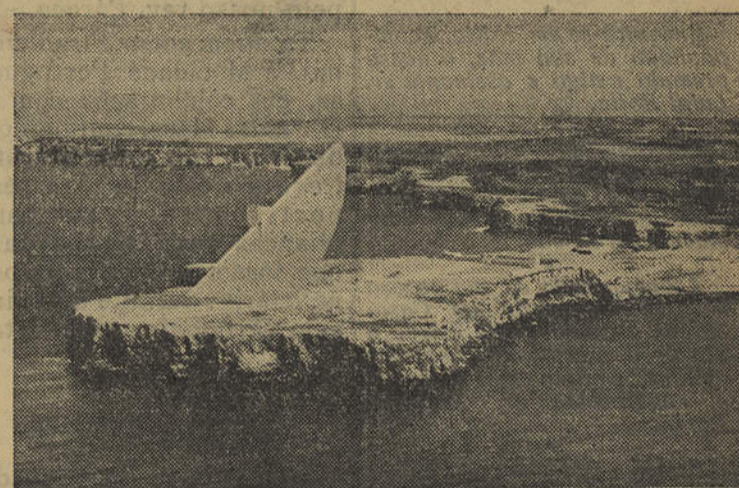
Realizaram-se em Faro, nos passados dias 7 e 8, os festejos comemorativos do 1.º centenário da fundação da prestimosa Associação dos Socorros Mútuos Protectora dos Artistas de Faro. Entre outras cerimónias que assinalaram a comemoração, figuraram uma missa por alma dos fundadores, associados e benfeitores; romagem ao túmulo de José Joaquim de Moura, iniciador do Montepio; inauguração das iluminações dos edifícios da associação e abertura das instalações do seu posto médico; descerramento de uma lápide dando o nome de José Joaquim Moura a uma rua de Faro; sessão solene, no salão nobre da Sociedade Recreativa Artística Farense, propriedade da Associação, a que presidiu o sr. governador civil do distrito; e um concerto pela Banda de Tavira, no Jardim Manuel Bivar, realizado no passado dia 8, com que se encerraram as comemorações.

DESISTIU-SE DA CONSTRUÇÃO DO MONUMENTO AO INFANTE D. HENRIQUE NO PROMONTÓRIO DE SAGRES

COMO é perfeitamente compreensível, não foi sem um sentimento de mágoa que o Algarve teve conhecimento da decisão tomada em Conselho de Ministros e comunicada à comissão executiva das Comemorações do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique, de não fazer erigir, em Sagres, o projectado monumento ao Infante.

Este monumento, cuja construção o Algarve acalentava há muito tempo como uma das suas mais legítimas aspirações iria, preencher o imenso vácuo patenteado pela ingratidão dos portugueses na aridez do Promontório Sacro. Mais do que ardente desejo de algarvios e para além da simples satisfação das aspirações de uma Província que se orgulha de ter sido berço de muitos dos gloriosos navegadores do Infante, desses que, no dizer do épico, «andaram dilatando a Fé e o Império» — o monumento significa o preito de gratidão da Pátria ao incluíto varão que traçou, a golpes de génio, de sonho e audácia, os caminhos lumi-

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)



Um dos projectos aprovados do Monumento ao Infante, «MAR NOVO», da autoria do architecto Cassiano Branco

RELANCE DA HISTÓRIA DO BRASIL

Pelo ENG. J. SILVA GARVALHO

(Conclusão do número anterior)

NÃO foi tranquilo o governo do sacerdote. No tempo dele rebentou a «guerra dos farrapos», que se arrastou durante toda a regência de Amaro Lima e foi uma das causas que deu com ela em terra. Com efeito, a confusão era tão grande que, para lhe pôr termo, tornou-

se necessário fabricar, com toda a pressa, uma lei dando a maioridade a D. Pedro II, que tinha então apenas 14 anos!! E foi de baixo dos auspícios da desordem que, em 23 de Julho de 1840, se iniciou o segundo império.

No seu início, o segundo império não solucionou a situação. O rei, mal saído da idade de brincar, era por demais simbólico para poder servir de árbitro às paixões que desordenadamente se manifestavam. O país teria arido no fogo das revoltas, se não fosse a providencial espada, fiel ao trono, do duque de Caxias. Ao tempo lutava-se no Maranhão, e no sul continuava, feroz, a guerra dos farrapos. E como já ninguém se entendia, em 17 de Maio de 1842, rebentou a revolução liberal de S. Paulo e Minas Geraes, tendo a chefia-la o brigadeiro Rafael Tobias de Aguiar.

A bravura e o génio militar do duque de Caxias fizeram com que voltasse a bonança em 1845. O Brasil pôde viver, então, alguns

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

UMA NOTÁVEL EXPOSIÇÃO DA PINTORA ALGARVIA

D. Maria Alexandrina Chaves Berger

SR. prof. eng. Leite Pinto, illustre ministro da Educação Nacional, inaugurou em 7 do corrente, no salão do S. N. I., uma notável exposição da pintora algarvia, D. Maria Alexandrina Berger, organizada sob o patrocínio da Casa do Algarve.

Assistiram ao acto, que tomou foros de acontecimento artístico, além de outros numerosos convidados e representantes da Imprensa, os srs. coronel Almeida Fernandes e dr. Eduardo Brazão, respectivamente, Subsecretário de Estado do Exército e Secretário Nacional da Informação; major Mateus Moreno, dr. Garcia Domingues e Julião Quintinha, representantes da Casa do Algarve; dr. Francisco de Avilez e pintores Conceição Silva e Joaquim Ramos.

A artista recebeu, no final, os mais vivos aplausos pelo valor e interesse dos seus trabalhos. São 65 grandes e pequenas telas, em que a pintora, firme na sua maneira de interpretar a natureza, nos dá emotivos aspectos não só do seu Algarve e de quase todas as restantes províncias do País, mas também da vizinha Galiza. «Panorama» — Mondariz, «Rio Têa», «Piteiras» — Faro, «Ria de Faro» e «Ameias do Casal de Penhalva» — São Pedro de Sintra, são telas que mereceram vivos aplausos à autora. A exposição continua patente ao público até ao próximo dia 17.



OLHÃO — Avenida da República

REALIZA-SE HOJE EM OLHÃO

O I CORTEJO DE OFERENDAS EM BENEFÍCIO DA MISERICÓRDIA DAQUELA VILA

REALIZA-SE hoje, em Olhão, o I Cortejo de Oferendas em benefício da Santa Casa da Misericórdia daquela vila. Iniciativa que se impunha desde há muito tempo, como meio indispensável de proporcionar àquela instituição de assistência os meios necessários para poder não só prosseguir como ampliar as suas beneméritas actividades, encontrou na pessoa do seu devoto e activo provedor, sr. Manuel Sebastião Júnior, a alma do generoso empreendimento e o seu incansável organizador, coadjuvado por um grupo de olhanenses de boa vontade.

Tanto a sede do conce-

lho, um dos mais populosos e importantes centros industriais do Algarve, como as restantes freguesias, têm mostrado uma louvável compreensão dos propósitos visados com o Cortejo que esta tarde ali se realiza, correspondendo, com entusiasmo e manifesto espírito de caridade, ao apelo feito pelos organizadores. Assim, e segundo nos informam, são muitas e valiosas as dádivas feitas até agora, tudo fazendo prever que este simpático movimento de solidariedade corresponderá, nos seus resultados, ao que dele justamente se espera.

Na verdade, a Misericór-

(CONCLUÍ NA 3.ª PAGINA)

ções de manifestar o nosso vedito.

Simplemente, achamos da maior conveniência levar em conta certos imponderáveis, determinamos um pouco na orientação do nosso pensamento que invariavelmente se dirige por solicitações diferentes e se concentra, por sua vez, em factos diferentes, para assim combatermos esse tremendo equívoco de nos julgarmos senhores da infalibilidade, dessa onipotentíssima crença do acerto das nossas opiniões e dos nossos juízos.

Mas, o que mais nos surpreendeu na meia dúzia de opiniões expendidas no artigo, foi o seu à-vontade, que achei escandaloso, foi o seu orgulho, ou antes, a ausência de modestia que, quanto a nós, deve constituir apanágio de todos os que procuram exercer

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

MELHORAMENTOS EM CASTRO MARIM

Na Câmara Municipal deste concelho, foi lavrada escritura de adjudicação a Bento Rodrigues, pela quantia de 104.650\$00, da empreitada para execução da obra de reparação da Rua de 5 de Outubro, desta vila. Por outro lado, iniciaram-se os trabalhos da segunda fase de abertura da estrada para as Furnazinhas, obra orçada em 796 contos, comparticipada pelo Estado e que constitui um grande melhoramento para este concelho e o de Alcoutim.



apresenta
UMA CRÓNICA
por semana

TODOS nós somos indígenas, desde que sejamos naturais do lugar onde nascemos — vem no dicionário e é fácil assimilá-lo. Convencionou-se, todavia, chamar indígenas, concordo que erradamente, aos que são naturais das nossas províncias ultramarinas, com certo cunho depreciativo.

Evidentemente que os macaenses são indígenas — eles nasceram na terra de que são naturais. Agora,

CARTA DE LISBOA

A SOMBRA DO PADRE AMÉRICO

Por D. ROSÁLIA BRAAMCAMP

MORRE o homem, morre a obra — dizem, por costume, os cépticos. E isto porque, no jogo de egoísmos, o autor da obra é o único que luta e se dispõe a enfrentar todos os embates, todos os entraves. Os outros — a obra não é deles — são sempre a modos que uns padrastrós. Há, porém, ainda, nesta época de tão ténue fraternidade, algumas almas de cunho ingénuo e simples, para as quais o gesto solidário é a justa expressão da sua humanidade. Há também — e isto sobretudo — os que ouvindo um apelo de justiça sabem debruçar-se sobre a

sua consciência e reconhecer que não têm cumprido. Foi essa a grande vitória do Padre Américo. Levou centenas, senão milhares de pessoas, a concordar que atraíam neste mundo a sua função de seres humanos, de criaturas superiores, feitas à imagem e semelhança de Deus, insufladas de espírito e de alma, dons que transcendem o transitório da matéria. Era vigoroso nas suas afirmações, não fugia a condenar com voz segura. E diante dele muitas cabeças vergavam, muitas bolsas se abriam, para sossegar o súbito pavor da consciência.

Morto o grande apóstolo dos pobres, seria de temer que o comodismo, a indiferença, o natural egoísmo dos homens levassem a obra, pelo menos, a remeter-se a aspirações mais modestas, sem grandes rasgos de protecção a ampará-la. E, caso único, nunca o Património dos Pobres esteve tão vivo, tão activo, tão difundido como depois da morte do Padre

(CONCLUÍ NA 3.ª PAGINA)

O APROVEITAMENTO DOS SAPAIS DE ALVOR

Na Direcção-Geral dos Serviços Hidráulicos (Direcção dos Serviços de Aproveitamentos Hidráulicos) realizou-se, no passado dia 7, o concurso para arrematação da empreitada de construção da barragem e tomada de água da albufeira de Odeáxere, do troço inicial do condutor geral até à câmara de carga da central hidroeléctrica e da derivação ao Arão-Odeáxere, compreendida nas obras de aproveitamento dos sapais de Alvor. Foram apresentadas quatro propostas, a mais alta de 22.174.731\$00 e a mais baixa de 19.991.818\$00.

Alguns concorrentes indicaram variantes de valor inferior às das propostas.

(CONTINUA NA 4.ª PAGINA)

Noticias PESSOAIS

Partidas e Chegadas

Com sua esposa, regressou de Lisboa, aonde foi passar as suas férias, o nosso prezado amigo e colaborador sr. José Alves Mestre, dignissimo Tesoureiro da Câmara Municipal desta vila.

Em goso de férias, encontra-se em Lisboa, acompanhado de sua mãe, o nosso prezado amigo sr. Luis Gonçalves Camarada, gerente do Banco Português do Atlântico nesta vila.

Esteve nesta vila, de visita a sua família, o nosso conterrâneo e amigo sr. Luis Andrade de Figueiredo, residente em Lisboa.

Encontra-se em Itália, acompanhado de sua mãe, o nosso prezado amigo e assinante sr. Luigi Rolla.

Em digressão pelo Algarve, esteve nesta vila o nosso prezado amigo e assinante sr. Manuel Pinhol da Encarnação, residente em Lisboa.

Acompanhado de sua esposa e filho, regressou de Casablanca e Ceuta, onde esteve a dirigir o fabrico de conservas de atum, o nosso prezado amigo conterrâneo sr. Angelino Parra.

Esteve nesta vila, de visita a sua família, o nosso prezado assinante sr. Manuel Baltasar, residente em Lisboa.

Com destino ao Brasil, embarcou no «Vera Cruz», que saiu de Lisboa no dia 11 do corrente, o sr. José Ramalho, conceituado comerciante desta praça.

Regressou de Ceuta (Marrocos), onde se encontrava há meses, o sr. Manuel Moreno, acompanhado por sua esposa, D. Rita Morais Moreno.

Esteve em Setúbal e Lisboa o nosso amigo e assinante sr. António dos Anjos Ruivinho, acompanhado de sua mãe, sr.ª D. Rita Martins Ruivinho.

Foi a Lisboa o nosso prezado amigo e colaborador sr. Ricardo Lino Correia, agente do Banco Nacional Ultramarino nesta vila.

Esteve nesta vila, durante alguns dias, o nosso prezado assinante sr. José Barão, distinto jornalista na capital.

Esteve em Lisboa o rev. Prior Joaquim Humberto Galhardo Palmeira, dedicado pároco desta freguesia.

Nascimentos

No passado dia 7 do corrente, deu à luz uma criança do sexo feminino a sr.ª D. Aurora Maria Antonia Guerreiro Pereira, esposa do sr. José Guerreiro Pereira, nosso prezado assinante.

No passado dia 8 do corrente, teve o seu bom sucesso, dando à luz uma robusta criança do sexo masculino, a sr.ª D. Antonia Laranjinha Lopes da Silva, esposa do nosso prezado assinante sr. António Adelino da Silva.

Mãe e filho encontram-se bem.

Doentes

No Hospital de N.ª Sr.ª de Fátima, na Parede, foi submetida a uma intervenção cirúrgica, que decorreu com êxito, a sr.ª D. Camilla Parreira Toledo, esposa do nosso assinante sr. Firmo Gomes Toledo, industrial de sorvetaria, nesta vila.

Encontra-se internado no Hospital de S. José, em Lisboa, o sr. José Pedro Delgado Júnior, que há dias foi atropelado, nesta vila, por uma camioneta, sofrendo fractura de uma clavícula.

Encontra-se quase restabelecida do acidente de viação que há pouco sofreu na capital, conforme notificámos, a sr.ª D. Maria Domingues Medeiros, irmã do sr. Dr. João Domingues Medeiros e da sr.ª D. Isabel Domingues Medeiros Carrilho, a quem rogamos desculpa do lapso que alterou o seu nome para «D. Adelina», na nossa anterior notícia.

A todos os doentes desejamos completo e rápido restabelecimento.

O «Noticias do Algarve» vende-se em Olhão, na Livraria Capela, Rua do Comércio.

PELA VILA

Festa da Padroeira de Portugal

A festa litúrgica e nacional da Imaculada Conceição de Nossa Senhora, que decorreu no dia 8 do corrente, foi celebrada nesta vila com a habitual solenidade. Na Igreja Matriz, realizou-se um tríduo preparatório da festividade, em que foi orador o rev. Prior António Patrício, de Tavira, havendo no sábado a Missa solene em honra da excelsa Padroeira de Portugal, com sermão, celebrada pelo nosso rev. Pároco.

Também como é tradicional, a Mocidade Portuguesa, em colaboração com a Obra das Mães, contemplou duas famílias pobres desta freguesia com berços e respectivos enxovais para crianças recém-nascidas, que foram entregues às beneficiárias durante uma singela cerimónia, na quarta-feira.

O Obelisco da Praça

Iniciaram-se, na passada

OS CINE-CLUBES

III

GERENTES de que os leitores não ficaram de todo «encantados» com a pouco luminosa série de «gralhas» surgida no nosso último apontamento, vamos dedicar ao mesmo assunto, o cinema e o cine-clubismo, mais umas curtas e despretensiosas linhas.

No continente, no ultramar, por todo o País, o cine-clubismo evolui e progride, compreendida que é a sua missão de valorizar o cinema e de esclarecer sobre o cinema.

Na nossa provincia há a registar a primeira sessão, em Novembro passado, do Cine-Clube Olhanense e a semi-organização do Cine-Clube de Lagos, o qual, estamos certos, iniciará, dentro em breve, a actividade. Os Cine-Clubes de Faro e desta Vila continuam, com regularidade, nas suas sessões mensais.

Ao que sabemos, a campanha lançada pelo Cine-Clube local para aumento do número de associados não logrou, até agora, qualquer êxito, tendo-se, pelo contrário, notado decréscimo da massa associativa, nos últimos meses. Com a aprovação oficial dos Estatutos e a breve eleição de Corpos Gerentes, nova orientação deve ser seguida, modificando-se o actual estado de coisas. Parece-nos, todavia, que ao «nosso» Cine-Clube, por sinal o primeiro a surgir no Algarve, não tem sido dada a atenção, o carinho, digamos assim, de que são dignos, por parte das populações que servem, os empreendimentos deste género.

De lamentar será se iniciativa tão útil no plano da cultura cinematográfica e geral não conseguir vingar entre nós, por falta do estímulo e apoio que a todos os títulos merece.

A propósito de «As Férias do sr. Hulot», a exhibir em 14.ª sessão do Cine-Clube desta Vila, em 28 do corrente, no Cine-Foz, transcrevemos, com a devida vénia, algumas referências da autoria de A. Neto, publicadas no n.º 9 da revista «Imagem», pelas quais fácil é depreender do interesse do citado filme:

«Vindo dos palcos dos «cabarets» surge no «écran» Jacques Tati, alto, desengonçado, infalível, preparando-se para ocupar o primeiro lugar entre os cómicos do cinema.

Tati é o autor completo dos seus filmes, como Charlot e René Clair, que também sabem fazer rir.

Os seus dois filmes, «Há Festa na Aldeia» e «As Férias do sr. Hulot», baseiam-se numa fórmula comum: observação dum ambiente e sua exploração para provocar o riso, ou pela exhibição dum ridículo, ou pela construção do cómico puro.

«Há Festa na Aldeia» é a crónica hilare e terna duma aldeia cuja vida a chegada duma companhia de «forains» sacode. Depois de tal festa para o fígado e os olhos, o sr. Hulot mete-se no seu infável automóvel e vai passar as férias numa praiazinha burguesa. Então Tati abre os olhos e vê o tremendo ridículo que a cerca. A galeria dos monos que pinta mostra o seu poder de observação; os sarilhos em que se mete (e que quase sempre aproveita para ir castigando um dos monos) mostram o seu poder de construção do cómico.»

J. M. P.

quarta-feira, dia 12, os trabalhos de reposição no seu aspecto primitivo do obelisco erigido na Praça Marquês de Pombal, como homenagem da vila ao rei fundador, D. José I.

Este trabalho faz parte dum plano tendente a restaurar integralmente a nossa formosa praça central na sua típica feição de carácter pombalino, reconstituindo os traçados anteriores da fachada da Câmara, dum prédio particular ao lado da Igreja Matriz e do obelisco votivo, bem como substituindo os candeeiros de iluminação da praça, cujo desenho e colocação se procurou enquadrar com as nobres linhas arquitectónicas setecentistas daquele logradouro público. Cabe o merecimento desta louvável deliberação à Câmara anterior à presente, da ilustre presidência do sr. dr. Alonso Vasques.

Por agora, está a ser retirado o gradeamento protector que circundava o obelisco e que, segundo conseguimos apurar, deve ter sido ali colocado há mais de 75 anos, no intuito de impedir o acesso no recinto, dos degraus da base, aos garotos e homens que ali cometiam vandalismos. Em lugar das grades lanceoladas, vão ser colocadas correntes metálicas, presas aos marcos de pedra laterais, em torno do histórico monumento local.

Uma pergunta sobre a Biblioteca

Em virtude da impossibilidade de construir-se uma Biblioteca Municipal pública com a brevidade desejável, porque não se estuda a possibilidade de adaptar uma sala adequada, a titulo provisório, onde a mesma pudesse funcionar a partir do presente inverno, com os numerosos livros existentes e outros que se arranjariam por compra e ofertas, dando assim satisfação aos desejos e às necessidades culturais da população pombalina?

Ninguém ignora que tão útil iniciativa, além das virtudes próprias no campo da formação educativa, teria ademais a vantagem de desviar uma parte da nossa juventude post-escolar de certos centros de reunião inconvenientes e de leituras, feitas desordenadamente, de certa literatura do mais baixo nível quer literário quer moral, que, a falta de melhor, está a desenvolver-se confrangidamente entre a nossa mocidade de ambos os sexos.

Porque não se pensa, a sério, no caso, que não é de tão somenos importância como parece?

EXCELSIOR As melhores tintas para navios de pesca e comércio TINTAS PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL Depósito nesta Vila: MANUEL DA SILVA DOMINGUES Avenida da República - Telefone 12

PROVINCIA

TAVIRA

Noites Folclóricas Algarvias

Foram a Lisboa trabalhar no «Pavilhão dos Desportos», em dois espectáculos que ficaram memoráveis, dois dos grupos folclóricos mais representativos do Algarve, a saber: Grupo Folclórico de Faro, com 43 componentes, e o Rancho da Casa do Povo de Santo Estêvão, de Tavira, que se compunha de 37 rapazes e raparigas, tipo campónio, predominando o ruralismo. Agradaram imenso e colheram fartos aplausos, ao que nos consta.

Pela Câmara Municipal

Na última sessão de Câmara, foi aprovada a criação dos Serviços Municipalizados de Água e Luz. Já foi aprovado e assinado o contrato de fornecimento de energia eléctrica com a empresa «Aliança Eléctrica do Sul», pelo espaço de 8 anos. Espera-se que seja desta que a freguesia da Luz de Tavira seja electrificada, pois tal melhoramento é aguardado há muito tempo.

Justa pretensão

Lemos, na Imprensa diária, que os Grémios da Lavoura de Bragança pediram ao governo que cesse a mistura de azeite-óleo e se liberte o comércio interno do azeite, em virtude de esta mistura só prejudicar o público consumidor e a Lavoura. De facto, segundo informações colhidas, no princípio a percentagem de óleo era de 20 a 30% e presentemente vai de 70 a 75%.

Feriados Nacionais

Passaram despercebidos estes feriados, pois não houve quaisquer manifestações, como é de uso todos os anos se efectuarem. Nem a menos houve concertos musicais no jardim, pela Banda de Tavira, a qual é subsidiada pela Câmara Municipal. — e.

SENTENÇA DE REVISÃO

Pelo Juízo de Direito da Comarca de Vila Real de Santo António, Secção de Processos, correm uns autos crimes de Processo Sumário contra Firmo Gomes Toledo, de 50 anos de idade, casado, industrial de sorveteria, desta vila, dos quais se vê que em 28 de Outubro de 1955 ficou condenado em pena de multa, por naquele dia ter cometido, no mercado do peixe, desta vila, um crime de injúria.

Posteriormente, porém, requerendo o Ministério Público a revisão criminal, e demonstrando-se, por parecer médico depois confirmado, que o Réu cometera, com falta de integridade mental o sobredito crime de injúria, como novas infracções, o Venerando Supremo Tribunal de Justiça, por seu douto acórdão de 24 de Outubro de 1956, autorizou a revisão.

Procedendo-se legalmente a novo julgamento sumário do Réu em 26 de Novembro de 1956, provou-se que este cometeu o crime de que foi acusado, em estado de «clotímia», de que sofre e que o priva por vezes do uso da razão nas fases expansivas da doença, pelo que foi anulada a referida sentença condenatória, pelos fundamentos expostos, e absolvido e mandado em paz.

Foi-lhe ainda ordenada a restituição da multa que pagou, e arbitrada a indemnização de 500\$00, a pagar pelo Estado, pelos prejuízos morais e materiais sofridos.

Vila Real de Santo António, 28 de Novembro de 1956.

O Chefe da Secção de Processos, (a) António Figueiras da Cruz

Visto O Julz de Direito, (a) Francisco Nunes Correia

Anuncie neste jornal de grande expansão em todo o país.

AGENDA

MOVIMENTO DA LOTA de Vila Real de Santo António De 6 a 14 de Dezembro:

Table with columns: TRAIINEIRAS, Sul, Flor do Guadiana, Maria Rosa, Liberta, Tozé, Leste, Raulito, Janita, Sr.ª da Piedade, Persistente, Clarinha, Total. Values range from 46\$00 to 211.501\$00.

CERCO Amazona 23.080\$00

Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António De 7 a 13 de Dezembro:

Table with columns: Entrados: RABAT, Alemão, de 1.434 ton., de Antuérpia, com folha de flandres. ROLANDSECK, Alemão, de 1.299 ton., de Sevilha, com carga em trânsito. COSTEIRO, Português, de 630 ton., de Lisboa, vazio. LAUPEN, Suíço, de 468 ton., de Tânger, com carga em trânsito. ZÉ MANEL, Português, de 926 ton., de Lisboa, vazio.

Table with columns: Sados: ZÉ MANEL, Português, para Lisboa, com minério. RABAT, Alemão, para Bremen e Roterdão, com cortiça e conservas. ROLANDSECK, Alemão, para Hamburgo e Roterdão, com cortiça e conservas. LAUPEN, Suíço, para Génova, com conservas. COSTEIRO, Português, para Lisboa, com minério.

FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 15 a 21 de Dezembro, a Farmácia CARMO, Rua São João de Brito, Telefone 31.

Santa Casa da Misericórdia DE

Vila Real de Santo António CONVOCATÓRIA

De harmonia com o número primeiro do Artigo 37.º dos Estatutos desta Misericórdia, convoco a Assembleia Geral dos Irmãos desta Instituição para o dia 23 do corrente pelas 16 horas, a fim de deliberar sobre a aquisição do imóvel «Parque de S. José», de harmonia com o artigo 18.º e o número quatro do artigo 20.º dos Estatutos.

Vila Real de Santo António, 15 de Dezembro de 1956.

O Provedor Dr. José Ortigão Gomes Sanches

CINE-FOZ

Apresenta, hoje, o grandioso filme Não me Condenem, com Susan Hayward, Robert Young e Jane Greer.

A história de um amor egoísta que destruiu três vidas. O grito de alma de um homem que, por covardia, não soube viver a própria vida.

(Espectáculo para maiores de 18 anos).

ODELEITE

Benefícios Públicos

Em ritmo moderado, está a proceder-se a reparações parciais nalgumas vias públicas desta localidade. Embora algumas reparações sirvam isoladamente, por analogia tem de ser reputadas de benefícios públicos.

F. N. A. T.

Nos pretéritos dias, 1 e 2 do corrente mês, foram projectados nesta aldeia filmes de alto valor educativo. No intervalo, usou da palavra o nosso professor sr. Alves Rufino, que, além de outras palavras alusivas, disse as seguintes: «Ser português, região por leis portuguesas e nunca aceitar nefastas tutelas estrangeiras, viver à sombra dum símbolo independente que: aquém de além-mar tremula triunfante: é que deve ser o orgulho de todo o português que se preza.

A seguir, um grupo de crianças — Antonieta de Fátima de Jesus Custódio, Adelaide Maria Pereira Cavaco dos Santos, Maria João Xavier de Brito Madeira, M. Hortense B. dos Santos, M. da Conceição G. Alberto, M. Margarida Martins Fariña, M. João da Palma Ventura e M. da Encarnação Rosa Pereira recolheram, pela assistência, donativos a favor da Hungria mártir, os quais deram já entrada na Delegação Distrital da Carítas.

1.º de Dezembro

Nesta data comemorativa, foi premiado um aluno da 4.ª classe, António Martins Vieira Quintino, que recebeu uma biblioteca de 36 livros, junto a uma carta de estímulo do sr. ministro da Educação.

Notícia pessoal

Em visita a sua família, vimos nesta aldeia o sr. Bento Gonçalves, empregado da Carris de Lisboa. — e.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATISTICA

Manifesto da Produção Agrícola

Avisam-se todos os agricultores deste concelho de que no próximo dia 31 de Dezembro termina o prazo para entrega do manifesto da produção agrícola (milho de sequeiro e regadio, feijão das duas culturas, e batata de regadio).

Os manifestos devem ser entregues na Regedoria desta freguesia durante todos os dias úteis, das 14 às 18 horas, até ao referido prazo.

Agradecimento

Maria Bárbara Viegas

Constança Maria Viegas Nogueira e família vêm, por este meio, agradecer a todas as pessoas que se dignaram acompanhar a sua saudosa mãe à última morada.

PORTO RAINHA SANTA

ATÉ OS ANJOS BEBEM!...

RODRIGUES PINHO & C.ª

Vila Nova de Gaia



Vila Nova de Gaia

Clínica de Santo António (CASA DE SAÚDE E REPOUSO)

sob a Direcção Clínica do Dr. Albano de Lencastre

Rua Guilherme Gomes Fernandes VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

A COMUNIDADE Luso Brasileira

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

meios, contra qualquer tentativa de extorsão.

O Tratado Cultural e o Tratado de Amizade e Consulta traduzem o desejo expresso de dois povos que pretendem manter em comum a língua e a cultura e souberam criar uma política, uma realidade supra-nacional que torne indissolúvel perante a história os laços incomparáveis que os unem.

Que esta política vai ser ainda reforçada, com superior inteligência e carinho, foi a certeza que nos ficou das declarações feitas pelo novo Embaixador do Brasil, dr. Álvaro Lins, no momento da sua chegada a Lisboa.

Grande amigo de Portugal, cuja cultura conhece como poucos, o novo Embaixador apresentou-se como fiel intérprete dos sentimentos do presidente Kubitschek de Oliveira para com este País, que o chefe do estado brasileiro considera como sua segunda pátria.

O dr. Álvaro Lins entende, também, que «Não há nenhum instrumento no Mundo como o Tratado de Amizade e Consulta. Consagra na prática — afirmou o ilustre Embaixador na sua chegada a Portugal — a identidade de dois povos, fundindo-os em acções e pensamentos». E depois de se referir à inquebrantável solidariedade do Brasil no caso de Goa, concluiu: «Este instrumento diplomático concretiza os interesses mais legítimos dos nossos países e exprime os seus mais sinceros sentimentos. Cria uma solidariedade ultranacional, embora cada Nação conservando a sua soberania, a que devemos chamar com a maior propriedade a comunidade luso-brasileira».

Esperamos, todos os que o conhecem, que a acção do novo enviado do Itamaraty, homem de letras eminente, realize a grande obra de tornar efectiva a comunidade entre os dois povos, nos termos que decorrem do Tratado de Amizade e Consulta.

G. de Ayala Monteiro

AUXÍLIO DO NATAL AOS ALGARVIOS POBRES

RESIDENTES EM LISBOA

Sob a presidência do sr. dr. Amadeu Ferreira d'Almeida, reuniu-se em 7 do corrente a Comissão de Beneficência da Casa do Algarve, com a comparência do respectivo presidente honorário, sr. coronel Aboim Ascensão de S. Lemos e das protectoras assistentes da mesma Comissão, sr.ªs D. Raquel Farmhouse da Graça Mira, dr.ª D. Maria João Lopes do Paço, D. Alice Esteves Guerreiro Murta, D. Emília do Nascimento Meilha, D. Ilda Cansado, D. Maria das Dores Villas Pacheco, D. Maria Eugénia Madel Correia, dr.ª D. Maria Odete Leonardo da Fonseca e D. Rosário Fernandes Moreno, tendo deliberado promover a urgente recolha dos donativos necessários, em dinheiro, conservas, agasalhos e brinquedos, para que a distribuição do seu bode do Natal do corrente ano não seja inferior à do ano findo, em que foram contemplados mais de 500 algarvios pobres inscritos.

Abriu com 1.200\$00 a relação de donativos o presidente honorário da Comissão, sr. coronel Lemos, sendo entregue, também, pela sr.ª dr.ª D. Maria Odete Leonardo da Fonseca a importância de 500\$00, saldo apurado do recente almoço de confraternização dos antigos professores e alunos do Liceu de Faro, de que foi a organizadora, sob o patrocínio da Casa da Algarve.

Assine, o «Notícias do Algarve» e contribuirá para o desenvolvimento da Imprensa Algarvia

GARTA DE LISBOA A SOMBRA DO PADRE AMÉRICO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

Américo. A sombra do sacerdote exemplar projecta-se por todo o Norte, verdadeiramente por todo o País, mas no Norte mais especialmente. Estende-se de cidade em cidade, de terra em terra e, no Porto, anda de rua em rua, batendo ainda às portas, clamando, exigindo, porque a sua voz, para reclamar justiça, nunca fez uso de súplicas. E assim é que, depois de morto, se tem formado um movimento extraordinário e grandioso à volta da sua obra, da sua ideia, e todos à porfia querem colocar a sua pedra na grande construção de humanidade que se agiganta milagrosamente por todo o Portugal. O comércio começou a reunir-se por ruas, a quotizar-se e a oferecer tantas ou tantas dezenas de contos para uma casa. Se para esse movimento fosse preciso um «slogan», este poderia ser: — Todos nós podemos dar uma casa. E assim se provou. Grupos onomásticos, as classes médicas, filatelistas, industriais e comerciantes, proprietários e simples moradores de bairros, todos compareceram, a tomar posição. Cada grupo, uma casa. Os ricos pelos pobres, os próprios pobres uns pelos outros. E as casas vão surgindo, vão albergando as famílias até aí sujeitas a pior abrigo. O sonho do apóstolo toma vulto, concretiza-se. No dia em que não houver uma só barraca, no dia em que todos tenham um lar digno e próprio da condição humana, nesse dia, então, a alma do Padre Américo repousará em paz. Até lá, há-de continuar de rua em rua, de terra em terra, a atormentar a consciência dos que se apegam aos bens terrenos e os gozam em egoísmo, sem olhar a que um semelhante, um irmão, já chamaria felicidade ao mínimo de que eles podem prescindir.

Demais, o Padre Américo não morreu de todo, a sua voz não desapareceu. Em homenagem recente, promovida na Sociedade de Belas Artes à sua memória, todos puderam ouvir a sua última mensagem, que ele quis gravar, prevendo já todas as eventualidades, para só poder ser transmitida tempos depois da sua morte. Era o último apelo daquele grande coração de Pai. Apelo que ficará assim presente, eterno, voz de combate que nem o túmulo emudeceu.

Claro que este movimento colectivo não poderia deixar de encontrar o correspondente no sector mais responsável, justamente porque mais poderoso: o da administração pública. E, assim, o Município do Porto lança-se agora à campanha de extinção das «ilhas». Está ratificada a adjudicação da empreitada de construção do primeiro grupo de moradias populares, no valor de 4.477.900\$00.

Entretanto, sobre a modesta campa do pequenino cemitério de Gete, em Paços de Sousa, nunca se acabam as flores, nunca se apagam as lágrimas. Milhares, muitos milhares de pessoas vão ali continuamente, em romagem de verdadeira penitência, dizer, diante do túmulo daquele grande Homem, que ali estão com ele para fazerem do seu sonho de justiça social a realidade que a todos, sem distinção, dignificará.

Rosália Braamcamp

REALIZA-SE HOJE EM OLHÃO O CORTEJO DE OFERENDAS EM BENEFÍCIO DA MISERICÓRDIA DAQUELA VILA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

dia de Olhão, que, além dos asilos de velhos e de crianças e do albergue que sustenta, ainda exerce outras funções assistenciais que é urgente e necessário ampliar e melhorar, precisa do auxílio de todos. E o Cortejo que esta tarde se concentra na Avenida dr. Bernardino da Silva, pelas 14 horas, donde desfilará, pela Avenida da República e rua dr. Oliveira Salazar, até ao edifício do Grémio dos Industriais de Sotavento, cedido para esse fim, onde se procederá à cerimónia da entrega das oferendas a um representante do Governo, há-de constituir, certamente, a viva expressão dos sentimentos de generosidade com que o povo de Olhão, auxilia a sua Misericórdia.



DESPORTO

FUTEBOL

CAMPEONATO REGIONAL DO ALGARVE

Terminou no último domingo a 1.ª volta do Torneio de Apuramento para o Campeonato Nacional da III Divisão, tendo-se registado, nas duas últimas jornadas, os seguintes resultados:

4.ª Jornada

Lusitano, 8 — Louletano, 1
Boa Esperança, 0 — Silves, 4
Unidos Sambrazense, 1
Esperança, 2

5.ª Jornada

B. Esperança, 0 — Esperança, 5
Silves, 2 — Lusitano, 2

Analizando, principalmente os resultados da 4.ª jornada, notamos que o factor casa sofreu rude golpe, pois só o Lusitano conseguiu ganhar, jogando no seu ambiente, e assinala-se, como é justo, por marca que não deixa margem a dúvidas quanto ao valor do triunfo.

Nos outros dois encontros, registaram-se duas surpresas com que na verdade não contávamos, mais a do Silves, que esta época ainda não nos tinha dado indicação alguma do seu real valor, e que estamos habituados a ver nas épocas transactas.

No desafio de S. Brás de Alportel, os lacobrigenses conseguiram triunfar e são para eles as honras da jornada, pois que os locais formam um grupo que não se deixa desfitear facilmente no seu meio.

Passemos, agora, à 5.ª jornada, e ponha-se em relevo tanto a magnífica vitória dos rapazes de Lagos, no campo do Boa Esperança, como o bellissimo empate alcançado pelos lusitanistas, em Silves.

Não se disputou o encontro Louletano-Unidos Sambrazense, em virtude do inquérito que a Associação mandará fazer ao jogo Unidos Sambrazense-Esperança.

Depois de concluída a primeira volta, o Campeonato vai entrar numa fase de grande interesse, na qual a subida do Silves tem grande contributo, e cremos que ainda muitas surpresas se irão registar até ao fim, o que é, na verdade, óptimo, pois desta maneira aumentará grandemente a expectativa a volta da prova.

Entretanto, fazendo uma consulta atenta deste o principio até esta altura do torneio, tudo se conjuga para deixar antever que o campeão deve ser o Lusitano pois que tem mostrado ser na verdade a melhor equipa, e mesmo que surja qualquer resultado desfavorável, acreditamos que não há «team» capaz de lhe tirar o ceptro.

Todavia, a corrida para o título continua com o Lusitano e o Esperança como principais candidatos.

CLASSIFICAÇÃO ACTUAL

	J	V	E	D	B	P
Lusitano	5	3	2	—	18	8
Esperança	5	4	—	1	15	4
Silves	5	1	2	2	9	12
Boa Esp.	5	1	1	3	5	12
U. Samb.	4	1	1	2	9	8
Louletano	4	—	2	2	4	16

Jogos para hoje:

Boa Esperança-Lusitano
Silves - Unidos Sambrazense
Esperança - Louletano

Quem AVISA...

Licença de Uso e Porte de Arma de Caça

Devem ser requeridas, na Câmara Municipal, as respectivas licenças de uso e porte de Arma de Caça, até ao dia 31 de Dezembro corrente.

CAMPEONATO DISTRITAL DE JUNIORES

Resultados das duas últimas jornadas:

4.ª Jornada

Farense, 1 — Olhanense, 1

5.ª Jornada

Portimonense, 0 — Farense, 1
Olhanense, 5 — Lusitano, 1

Na 4.ª jornada, o empate verificado serve melhor as aspirações do Olhanense, pois foi alcançado fora de casa.

Entretanto, na 5.ª jornada registou-se um bom triunfo do Farense, em Portimão, e uma vitória normal do Olhanense, em casa.

CLASSIFICAÇÃO ACTUAL

	J	V	E	D	B	P
Olhanense	4	3	1	—	9	2
Farense	4	3	1	—	6	3
Silves	4	2	—	2	8	6
Lusitano	4	1	—	3	3	13
Portim. (a)	4	—	—	4	0	1

(a) Tem 3 faltas de comparência.

Jogos para hoje:

Silves - Farense
Portimonense - Lusitano

NOTA: Pedimos desculpa por não terem vindo publicados, na passada semana, os resultados, mas tal foi impossível, em virtude de estes só terem dado entrada na Redacção quando o jornal já estava na máquina.

BASQUETEBOL

CAMPEONATO DISTRITAL

Terminou no passado domingo, com os jogos respeitantes à 7.ª jornada, a primeira volta do Campeonato do Algarve de Basquetebol, que forneceu os seguintes resultados:

Ginásio, 86 - Lusitano, 44

Árbitro: Marcelino José.

Ginásio: Pinto (17), Almeida (3), Lázaro (2), M. Fernandes (2), Gonçalves (6) e Luís do Ó (56).

Lusitano: Gavino (2), Salas (2), Carro (5), Andrade (16), Branco (19) e Jara.

A partida foi bem disputada, com jogadas alternadas num e noutro meio campo, e a vitória do Ginásio é, de facto, o prémio justo da melhor equipa em campo.

Entretanto, o Lusitano foi um bom vencedor, pois lutou sempre com gallardia, mesmo quando se viu privado do concurso de Andrade e Gavino, ambos com cinco faltas pessoais algumas das quais só existiram na imaginação do juiz da partida.

Quanto ao trabalho das duas equipas, no Ginásio agradaram-nos, sobretudo, os encestamentos de Luís do Ó, (diga-se, de passagem, alguns deles com alguma dose de felicidade), e que continua assim a ser o melhor marcador do Algarve, agora com 56 pontos, e de Pinto, um bom colaborador daquele jogador; no Lusitano continua a não haver nomes a destacar, pois todos procuram jogar para a equipa, sem excessos de pessoalismo.

Quanto ao trabalho do árbitro, há que guardar um misericordioso minuto de silêncio pela sua actualiação, pois foi por demais infeliz.

E de notar que é já a segunda vez que isto acontece com o mesmo senhor — pois seguiu diretrizes opostas no julgamento das mesmas faltas para as duas equipas, e o que é ainda mais de lamentar é ter-se verificado que o juiz da partida desconhece algumas das mais elementares regras do basquetebol.

C. F. «Os Bonjoanenses», 52

S. L. Faro, 26

Árbitro: Joaquim Vinhas.

Bonjoanense: Cruz, Jesuíno (2),

CONFRATERNIZAÇÃO DOS ANTIGOS ALUNOS DO LICEU DE FARO

COMO fôra anunciado, realizou-se em Lisboa, no passado dia 1 de Dezembro, esta amistosíssima reunião, que resultou brilhantíssima.

Antes das 11 horas já à porta dos Jerónimos muitos grupos se reconheciam, cumprimentavam e fotografavam. Às 11, o antigo aluno, rev. padre Soares Cabeçadas, rezou missa pelos colegas e mestres falecidos e pronunciou uma sentida alocução, pondo em relevo o valor do espírito que ali imperava unindo todos num mesmo pensamento.

Finda a missa, dirigiram-se à Sala do Capítulo, onde repousam as cinzas do ilustre poeta algarvio João de Deus, patrono do Liceu de Faro. A promotora da reunião, sr.ª dr.ª D. Maria Odete Leonardo da Fonseca, depois uma artística coroa de flores naturais no túmulo do poeta-patrono, após o que o major Mateus Moreno, que trabalhara, quando estudante, para que o Liceu de Faro tomasse o nome de João de Deus, disse palavras alusivas ao acto, repassadas de emoção e grande brilho literário.

Todos os presentes se dirigiram, depois, para a Casa do Algarve, onde se efectuou o almoço.

A presidência foi dada ao sr. Marcelino Lapa, o veterano dos antigos alunos, que mostrou o seu impresso de matrícula em 1896. Dava a direita ao sr. prof. dr. José Correia do Nascimento, que representava o actual reitor do Liceu de Faro, sr. dr. José Ascenso, e a esquerda ao sr. major Mateus Moreno, presidente da Casa do Algarve, que, desde início, patrocinou esta iniciativa.

Antes da sobremsa, a promotora da reunião, sr.ª dr.ª D. Maria Odete Leonardo da Fonseca, abeirou-se do microfone para explicar a sua iniciativa e congratular-se pelo bom êxito que a coroou. Teceu louvores à fraternidade humana e dedicou palavras

de apreço e gratidão aos professores presentes. Propôs ainda que fosse endereçado telegrama ao sr. dr. José Ascenso a pedir a criação do Núcleo dos Antigos Alunos do Liceu de Faro e que os residentes em Lisboa se reunissem, anualmente, neste dia. Sugeriu, ainda, que se associassem por telegrama às homenagens ao grande poeta algarvio dr. Emiliano da Costa.

Sobre o significado do dia histórico falou o sr. eng. António Madeira, e, depois, o sr. dr. Viegas Guerreiro, que se associou à homenagem ao dr. Emiliano da Costa; o sr. dr. Antero Cabral, promotor da Romagem de Saudade, a Faro; o sr. dr. José Correia do Nascimento, em nome dos professores; o sr. major Mateus Moreno, sugerindo que fossem colocadas lápides nos edifícios, à Sé e à Alameda, onde funcionaram as aulas do Liceu de Faro, antes da actual instalação, e o maestro João Nobre, recordando as festas que se faziam naquele querido Liceu. Falaram, ainda, o sr. dr. Augusto da Fonseca, o sr. Hermenegildo Neves Franco e o aluno de 1900, sr. César Bolotinha.

Os convivas, em número de 167, não cessavam de manifestar a sua alegria e satisfação. Uns vieram do Porto, outros de Coimbra, outros de Alcobaca, outros de Setúbal, e assim se reencontraram, depois de dezenas de anos afastados. Até um antigo aluno, o sr. dr. José Fragoço de Lima, que dirige o Instituto de Estudos Portugueses em Santiago de Compostela, se quis associar, fazendo-se representar pelo sr. João Nicolau da Fonseca. Na leitura do expediente, onde figuravam cartas e telegramas de antigos alunos e professores, mereceram aclamações especiais os textos dos professores srs. dr. Agostinho e dr. Cassiano. Dos professores presentes, lembramo-nos de ter visto, além do sr. dr. Nascimento, os srs. drs.: Seruca, Baptista Coelho, Mendonça e Costa, Almeida Carneiro e esposa, Silva Pera, Alves de Moura, Tenório de Figueiredo, Ofélia Azinheira, Donatília Baptista, Maria Alice da Silva e Sousa, etc.

A sr.ª dr.ª D. Maria Odete Leonardo da Fonseca foi muito felicitada pela sua iniciativa, e todos lhe pediram que os voltasse a reunir no próximo ano. Como saldo obtido, foi entregue, na Casa do Algarve, a importância de 493\$90, para a Secção de Beneficência.

ILUMINAÇÃO

A lâmpada alemã MERKUR, é a que dá luz mais clara, mais suave, menor consumo, e... não é mais cara.

A VENDA NA
Agência Comercial e Marítima do Sul
Avenida da República, 65
— Telefone 76 —
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

TRIBUNAL JUDICIAL

Comarca de Vila Real de Santo António

Anúncio

(2.ª Publicação)

Pelo Juízo de Direito da Comarca de Vila Real de Santo António, se faz público que, na respectiva Secretaria e Secção, correm seus termos os autos de Falência Sumária, decretada a requerimento de António de Sousa Bonilo, e, tendo sido apresentadas pelo senhor administrador da falência as contas da sua gerência, no respectivo apenso, correm editos de oito dias citando os credores e o falido para, no prazo de cinco dias, que começará a contar-se da segunda e última publicação do competente anúncio, dizerem o que se lhes oferecer acerca das referidas contas, nos termos do artigo mil duzentos e trinta e cinco, do Código do Processo Civil.

Vila Real de Santo António, 3 de Dezembro de 1956.
O Chefe da Secção,
(a) António Figueiras da Cruz
Verifiquei:
O Juiz de Direito,
(a) Francisco Nunes Correia

CHEVROLET COUPÉ

Vende-se, modelo 1954, 4 portas, sincronizado, boa pintura, duas cores, aquecimento, rádio, 5 pneus novos, pouca quilometragem e óptimo estado.

Pode-se ver: Rua Engenheiro Duarte Pacheco, 40-Faro

Pelo Dr. CRUZ MALPIQUE

EXÍLIO E EXILADOS

O exílio é menos um desterro material do que um degredo moral. O que mais fere o exilado é a nostalgia das suas paisagens de infância e adolescência, a nostalgia da língua nacional, do convívio com os que com ele se sintozam em ideais e aspirações. O que mais o tortura é o sentir-se solitário entre gente. Mais do que as misérias materiais do desterro, o exilado sente as misérias morais. No exílio, mais lhe dói a alma do que o corpo. Cura para o corpo, ele a poderá encontrar no seu degredo. Cura para a alma, só a encontrará no regresso à própria pátria.

DAR OU NÃO DAR ESMOLA

A melhor esmola que se pode dar a quem precisa do pão para a boca é o trabalho—no caso de o mendigo ter forças para trabalhar. Dar esmolas inconscientemente é fomentar o pauperismo—e a nossa obrigação é extinguí-lo ou, pelo menos, diminuir-lo.

Mas será fácil saber—ainda que o mendigo tenha forças para trabalhar, e saiba trabalhar—como e onde arranjar-lhe ocupação remunerada? Esta é que é a questão. A qualquer de nós, em particular, não seria fácil averiguar isso. Esse trabalho tem de ser feito lá das alturas dos Governos.

De um modo geral, e sem mais aquelas, o nosso dever é dar esmola a quem a pede. Pedir custa muito. Tanto que, se ao mendigo lhe fosse possível trabalhar, ele optaria pela ocupação remunerada contra a remuneração desocupada. Não dando esmola a quem no-la pede, empregando, para nos justificarmos, filosóficas razões, provamos apenas que no lugar do coração temos um seixo bicudo, ou um quilo de ferro.

CIVILIZADOS E BÁRBAROS

Na raiz de civilizar vai implícita a ideia de tornar civil, de trazer para a recíproca ajuda, para a associação de esforços, para a frente única, os que, por natureza, tendem a isolar-se, a dissociar-se. Ser incivil é o mesmo que ser bárbaro. Os bárbaros caracterizam-se pela hostilidade que mutuamente se votam. Em vez de conjugarem esforços, de se auxiliarem, de conviverem pacificamente, por tudo e por nada entram em guerra, tomados de ódios mortais. E se bárbaro é ser isto, he-mos de convir que, entre os «civilizados», muitos bárbaros há.

CARTA A UM JORNALISTA IMPARCIAL

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

alguma influência na opinião pública. Raros são, na verdade, aqueles que se mantêm indiferentes ou insensíveis aos grandes momentos emocionais que, de vez em quando, galvanizam os espíritos e as consciências. Raros são ainda os que, alheando-se de todos os interesses mesquinhos, das conveniências a salvaguardar, dos preconceitos constituídos em leis, se mostram imparciais na apreciação dos homens e dos acontecimentos.

Ora, o seu artigo enferma desses pequenos e mesquinhos prejuízos que, dotados duma perversidade quase diabólica, se imiscuem tantas vezes, para contrariar as nossas boas intenções e romper os nossos desinteressados conceitos. Eu, meu amigo, não lhe aconselho a leitura de livros, nem de jornais, nem tão pouco a desistir de fazer paralelos entre essa e aquela individualidade, esse processo milagroso e muito cómodo de folhear a história e encontrar os Pisistratos e Marat em novas encarnações nos homens do nosso tempo.

Mas ouso advertir-lhe de que sempre é de aconselhar olharmos o mundo para além das fórmulas estabelecidas, ou deixar de o ver debruçados do peitoril da nossa janela. E se o senhor se mostrar incapaz de se despojar dos preconceitos, dos interesses mesquinhos que teoricamente afasta, mas na realidade não despreza, resta-lhe unicamente dizer em voz alta: «Eu pecador me confesso».

Não, meu amigo, os problemas do nosso mundo atingiram tal acuidade, chegaram a tal ponto crítico, que é muito difícil confinarmos-nos dentro dessa imparcialidade que o senhor exige aos outros, mas que se mostra impotente para dela fazer bom uso. E não é segredo para ninguém que um desses homens reputados, desde há séculos, como um «desinteressado investigador da verdade», um dos espíritos mais completos e lúcidos que o pensamento ofereceu à humanidade, sofreu dos mesmos defeitos de que

SEMANARIO REGIONALISTA

RELANÇE DA HISTÓRIA DO BRASIL

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

anos de prosperidade e de paz. Marcaram-se progressos no comércio, na indústria, na agricultura, no ensino e nas obras públicas. Mas não foi duradoura a acalmia, porque um conflito internacional a desfez.

Solano Lopez instituiu uma ditadura no Paraguai. E tendo organizado o mais poderoso exército da América do Sul, em 1864 invadiu a região argentina de Corrientes e o Mato Grosso brasileiro. Movidos pela necessidade de se defenderem do Uruguai, o Brasil e a Argentina aliaram-se e, durante 6 anos, combateram lado a lado contra o inimigo comum.

As hostilidades afectaram grandemente o progresso das nações beligerantes. Solano Lopez conduzia a luta com fanatismo, e negou render-se quando, em 5 de Janeiro de 1869, o duque de Caxias ocupou a cidade de Assunção. A paz só surgiu em Janeiro do ano seguinte, com a morte do ditador.

O segundo império viveu de novo dias felizes, embora não isento de certas campanhas movidas pelos políticos. O Estado, organizado num sistema de economia feudal, à base dos grandes latifúndios que viviam do trabalho escravo, era alvo dos ataques duma opinião pública contagiada de ideias humanistas.

A escravatura, que uma elite intelectual queria abolida, surgiu no primeiro plano. Reagindo contra este movimento, vamos encontrar a classe capitalista, constituída de ricos proprietários de terras que prosperavam à sombra da mão de obra negra, quase gratuita.

Os escravos tiveram a defendê-los a fina flor dos estadistas do império, principalmente essa grande figura de brasileiro que foi Joaquim Nabuco.

A luta emancipadora travou-se nos comícios, na imprensa, em conferências e, por fim, nos bastidores do palácio real. Dessa intensa actividade resultou, em 28 de Setembro de 1871, a chamada «lei Rio Branco» considerando livres, no futuro, todos aqueles que viessem a nascer de pais escravos.

Os humanistas não se deram por satisfeitos com esta vitória

Segundo a lei, a escratura só estaria banida dentro duma geração. Era muito. E a luta continuou. Em 1885, outra lei estabeleceu que todos os escravos que atingissem 60 anos de idade ficavam automaticamente livres. Finalmente, ao impulso das propagandas, o Brasil deu ao mundo o mais sublime exemplo de fraternidade humana, instituindo a «lei áurea», de 13 de Março de 1888, que aboliu a escravidão e... custou o trono a Pedro II.

Ao tempo da publicação da «lei áurea» o partido republicano vivia no desfavor do público brasileiro. Era um partido criado em 1870, bastante novo, sem possibilidade de conquistar o poder. A questão da mudança de regime nunca se tinha posto, e o republicanismo vivia apenas do entusiasmo incompreendido duma elite de idealistas, entre a qual vamos encontrar Silva Jardim, Campos Sales, Lopes Trovão, José do Patrocínio e Quintino Bocaiuva—este último um fogoso jornalista, que passa por ser o fundador da república.

Depois da «lei áurea», os proprietários de escravos, feridos nos seus interesses, desejosos de se vingarem da monarquia, aderiram em massa à nova ideia. O republicanismo entrou na moda e ganhou simpatias no exército.

A partir de Março de 1888, a república considerava-se iminente, como «révanche» dos negreiros. Inesperadamente, ao correr o boato de que o governo tencionava dissolver a Guarda Nacional, o general monárquico Deodoro da Fonseca voltou-se para os republicanos e, pondo-se à frente da tropa, impôs, em 15 de Novembro de 1889, a abdicção de Pedro II.

Sem uma gota de sangue, a república surgiu 612 dias depois da libertação dos escravos!

O novo regime, com Deodoro da Fonseca na presidência, foi aceite sem protesto em todo o Brasil e a nova Constituição foi decretada em 24 de Fevereiro de 1891. Neste ano, porém, sob a pressão da marinha, o marechal Floriano Peixoto tomou a presidência da república e, após uma luta de seis meses, sempre coroadada de êxito, ganhou o direito ao título de «consolidador das instituições».

Depois de Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto, muitos brasileiros eminentes passaram pela presidência da república. Entre eles, citam-se: Prudente de Moraes (1894-98), Campos Sales (1898-1902), Rodrigues Alves (1902-06), Afonso Pena (1906-09), Nilo Pezanha (1909-10), Hermes da Fonseca (1910-14), Epifânio Pessoa (1919-22), Artur Bernardes (1922-26) e Washington Luís (1926-30).

O presidente Washington Luís caiu por altura do golpe de estado que atirou ao poder, durante 14 anos, a ditadura de Getúlio Vargas. E o resto já é história moderna, ligada com a queda no nazismo, e com o advento da liberdade, que o último conflito mundial nos trouxe.

J. Silva Carvalho

Visado pela Comissão de Censura

Em FARO, adquira o «Notícias do Algarve», na Livraria Campinas, Rua de Santo António, 67

opiniões expressas nesse seu artigo «anti-dogmático», eu vejo uma demonstração evidente, uma clara demonstração do mais puro e estremo dogmatismo, uma clara prova dum capcioso facciosismo, senão grosseiro.

Assim, estarei condenado, como certamente tantos outros que ainda não deixaram de se servir das suas próprias cabeças, a aparentar indiferença ou a desconfiar duma imparcialidade e independência um tanto comprometidas pela nossa dúvida.

Aliás, manter-se-á este tremendo e dramático equívoco, a pérfida e insidiosa dúvida, se o meu amigo está realmente a exprimir critérios próprios, pessoais, ou a tornar-se eco ou veículo duma única opinião dominante e que, portanto, está no legítimo direito de adoptar, mas que, na verdade, não lhe pertence, nem tão pouco é dedução pura e simples dos seus raciocínios.

Rodrigues Pena

O valor das Algas Marinhas

A sua utilidade sob o ponto de vista alimentar e aplicações industriais

O MAR é um grande repositório das maiores riquezas, sob todos os aspectos, e dá-nos perspectivas de melhoria das condições de vida da humanidade, desde que sejam aproveitados os seus recursos.

Uma variedade infinita de vários elementos se encontra no fundo do mar, dos quais aproveitamos, por enquanto, uma mínima parte. Mas, à medida que vão sendo feitas observações e experiências, vai-se conhecendo alguma coisa mais, do muito que lá há de aproveitável e que pode redundar em benefício da vida humana.

Na muito interessante revista «Conservas de Peixe», relativa a Outubro, findo, encontramos um artigo de Luís Muñis Anguez, que despertou a nossa curiosidade e julgamos do maior interesse em ser divulgado, pelo que nos revela, e é desconhecido do grande público.

O artigo intitula-se «A vida animal nos fundos submarinos», descrevendo com certas minúcias a vida misteriosa e desconhecida no fundo dos mares.

Em tudo achámos interessante o dito artigo, mas o que mais despertou a nossa atenção é o que o autor diz sobre o valor das algas e a sua aplicação em favor da alimentação humana.

Diz o autor do artigo:— «Grande parte das populações do planeta não come o suficiente. Em diversos lugares da Ásia produzem-se periodicamente verdadeiras epidemias de fome. Porém, esta escassez de alimentos vai tendo uma solução nas algas».

«Sabe-se que as plantas proporcionam ao homem a maior parte das suas vitaminas. Pois está demonstrado que as algas podem dar tantas vitaminas como toda a vegetação terrestre. Assim, a vitamina D, no bacalhau, não é fabricada pelo fígado do animal, mas sim obtida por este nas algas que come. O fígado do bacalhau não é mais do que um filtro, um condensador. A indústria moderna suprimirá o intermediário dirigindo-se ao produtor, a alga».

E, depois de descrever a grande variedade de algas que há, contando-se por duas mil as conhecidas, desde as microscópicas até às gigantes, que atingem quinhentos metros de comprimento, diz-nos mais:— «Qualquer delas é uma fábrica viva de produtos químicos. Assim, 350.000 toneladas de iodo, 4.000 de sais de potássio, 10.000 toneladas de adubo e 20.000 toneladas de algina. A algina tem inúmeros usos industriais e pode servir para fabricar películas fotográficas e cinematográficas».

São vários os produtos extraídos das algas, como são o agar, utilizado na farmacopeia como laxante, sabões, dentífricos, tecidos de lá sintética, papel, etc, etc. Mas o que nos pareceu mais interessante é o que se refere à aplicação das algas na alimentação.

«No Japão, utiliza-se na preparação do «Kantem», elemento de numerosos pratos nacionais. O «Kantem» serve para adoçar o «saque», a bebida nacional.

O «amanori» é objecto de um verdadeiro cultivo e as suas plantações cobrem vastas extensões nas costas baixas das ilhas nipónicas. Em todo o Japão se consome o «suchi», preparado com algas lavadas, reduzidas a pó e tratadas segundo numerosas receitas. Há algas que servem para preparar geleias, compotas e doces. O agar, extraído das algas, é uma verdadeira papa do mar».

Na Espanha é onde o cultivo e aproveitamento das algas está mais desenvolvido, esperando-se que Portugal lhe siga o exemplo, aproveitando essa grande riqueza a que até há pouco tempo se não dava qualquer valor.

E, para terminar, mais uma transcrição:

«Assim, está-se em vésperas de realizar mais um sonho de Julio Verne. Não garantia o capitão Nemo aos seus hóspedes do «Nautilus» que o homem podia alimentar-se exclusivamente com produtos do mar? A alga é o pão, entre outras coisas do futuro. Graças a ela, à sugadora submarina e aos camponeses do mar, é possível que se faça desaparecer, entre outras coisas também, a terrível ameaça que pesa sobre o mundo com a crescente escassez de alimentos».

Oxalá que assim venha a acontecer...

J. G. R.

DESISTIU-SE DA CONSTRUÇÃO NO PROMONTÓRIO DE SAGRES

do monumento ao Infante D. Henrique

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

nosos que nos fizeram grandes no Mundo. E se algum lugar há nesta ditosa terra que o filho ilustre do «Rei da Boa Memória» tanto amou e tanto engrandeceu, onde ficaria bem o testemunho, em mármore e granito, do reconhecimento dos portugueses—por que não nesse ermo, grandioso e agreste, onde o Infante viveu o seu Sonho admirável, perscrutando, com olhar de águia, o Mar Tenebroso que as suas Caravelas rasgariam para dar novos mundos ao mundo?

Reconhecemos, todavia, como o afirmou na Assembleia Nacional o ilustre deputado sr. coronel Sousa Rosal, nosso lídimo com-provinciano e devotíssimo defensor das aspirações algarvias, «que ponderosas razões deviam ter levado o Governo a alterar o seu primitivo propósito, por não ser seu hábito desistir do que empreende.» Na realidade, habituados, como estamos, a uma política de realizações, onde não têm lugar vãs promessas, cremos, firmemente, que graves óbices devem ter surgido, motivando a decisão governamental.

Todavia, e como pediu o sr. coronel Sousa Rosal, Sagres não deverá ser esquecida nas homenagens a prestar ao Infante D. Henrique. «Se a viabilidade do Monumento não se verificou—acentua aquele ilustre deputado—ao menos que se urbanize a região, respeitando-se e valorizando-se o que tiver valor histórico e erguendo em sítio apropriado, um símbolo—uma Cruz

Uma crónica por semana

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

povos. Os seus sistemas de comunicações, de informação, de transportes, de colonização interna, políticos, sociais, a sua cultura, o seu nível de vida, o seu progresso, enfim: toda a latitude que o termo comporta.

Neste campo nós, os da metrópole, parece que temos muito que aprender com os macaenses, muito embora possamos enumerar, panoramicamente, as mesmas realizações que J. Carvalho e Rego apresenta como características das organizações social e do viver, em Macau.

Tudo vai, porém, do espírito que anima as coisas e dos princípios básicos que as norteiam.

Aqui é que haverá que separar o trigo do joio.

Para quem está longe, tudo parece um sonho; para quem está perto, a realidade tem, por vezes, aspectos bem diferentes e dolorosos.

Há muita coisa má de que se pode dizer bem, e muita coisa boa de que se pode dizer mal.

Depois, temos ainda que ter em consideração a isenção de quem aprecia. De quem critica construtiva ou destrutivamente.

Claro que isto são considerações em redor de um tema e de maneira alguma, sinceramente, visam quem quer que seja.

J. Carvalho e Rego é suficientemente culto e inteligente para compreender o que pretendo dizer, e ainda bem, porque nem sempre sei exprimir-me com clareza.

O «Notícias do Algarve», deve sentir orgulho em publicar nas suas colunas trabalhos de tão grande seriedade e interesse como as «Cartas de Longe». São estes os escritos que funcionam como pilares de um jornalismo são.

Poderá parecer que nós caímos no ridículo elogio mútuo. Asseguro que jamais elogiei quem não tenha merecimento—segundo a minha fraca possibilidade de julgar, evidentemente. O que se impõe, porém, é que assinalemos o que de bom aparece nas paupérrimas colunas dos nossos jornais, quer regionais, quer das capitais.

Todo o jornalismo sério, alheio a panegíricos aduladores, é sempre bem vindo e altamente necessário. «Cartas de Longe» são um exemplo.

José dos Santos Marques

VENDA DE TERRENO E UMA MORADIA

A saída da Vila, junto da Estrada Nacional, próximo da Casa do Consumidor. Informa-se nesta Redacção.

de Cristo, uma asa de caravela—junto do qual possam meditar e rezar quantos ali forem prestar homenagem ao homem que soube dar expressão e movimento à nossa vocação universalista.»

Que ao menos isto não nos seja recusado.